

glaucis de morais

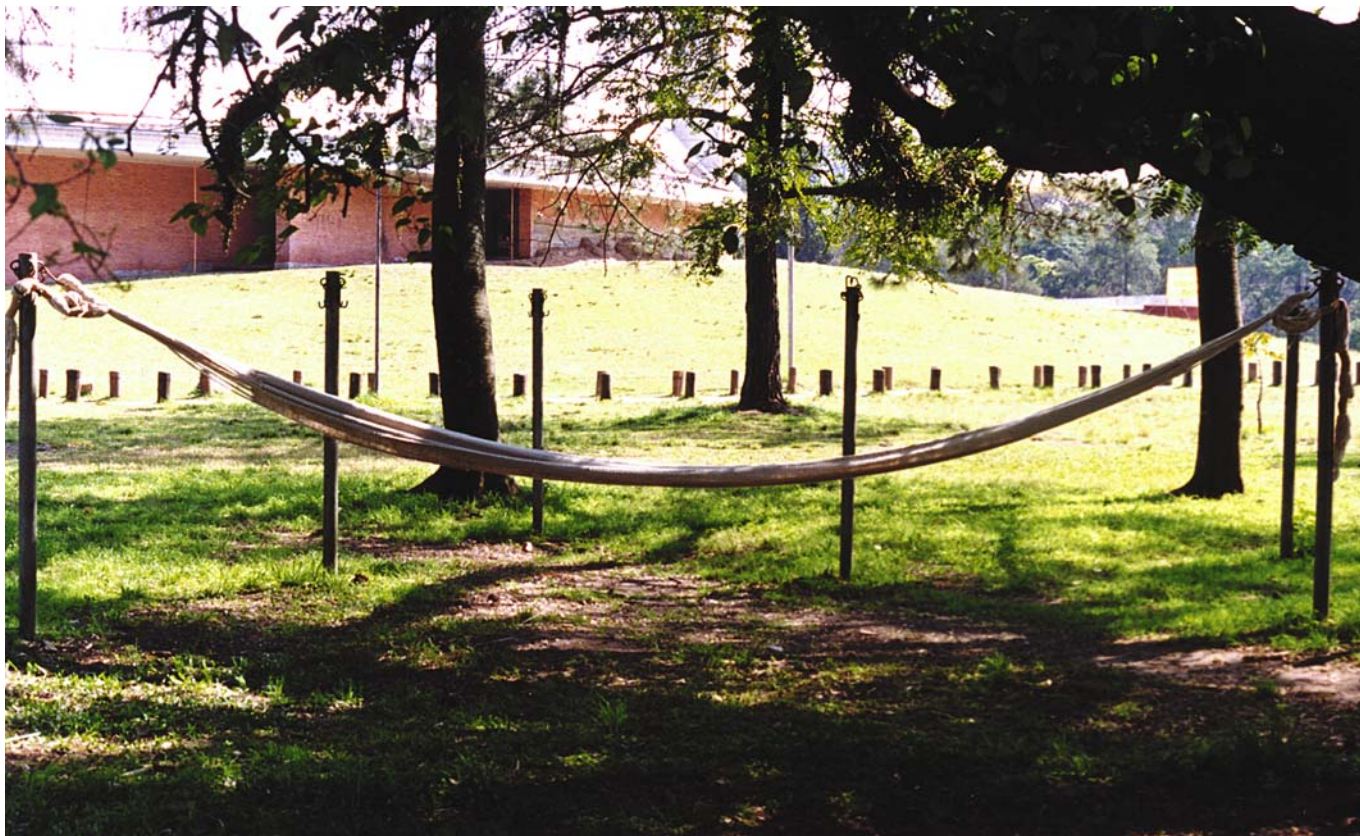




O objeto
Madeira e cipó s/tapete
5 x 200 x 270cm
1998

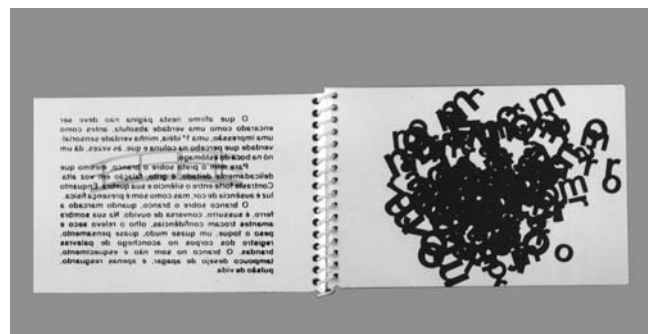
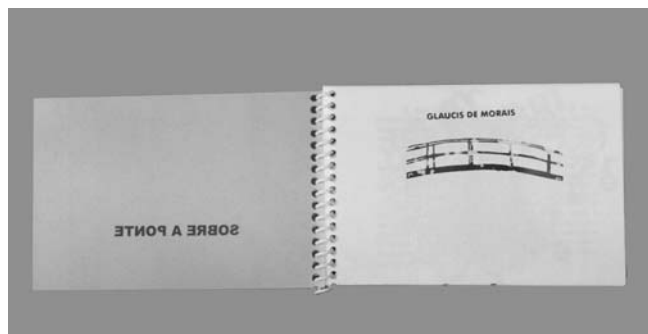


Um buraco
Madeira e cipó
50 x 300 x 4cm
1998



Preguiça grande

Rede tecida com
cordão em tear manual
1,8 x 10 x 1,2m
1998



Sobre a ponte

Livro feito em serigrafia s/acetato
10 x 15cm
14 páginas
1999

Livro impresso com tinta branca e preta sobre acetato.

Ao produzir este objeto não tive a preocupação de imprimir um branco parelho, mais me interessou velar o plástico com um branco menos "puro", menos compacto. As imagens-texto ficam vazadas, são transcrições de uma conversa de amor, que tanto pode ser ficcional como verdadeira. É um lugar onde o afeto é expressado como cochicho. Algo que pouco se escuta, ou se escuta apenas na intimidade.

"se tu fosse uma flor que flor tu seria? EU SERIA JASMIN (...)"



Ponte ao nada

minha imagem de vida: uma ponte entre abismos.

Arte via e-mail / Arte digital

1999



Palavras cruzadas
 Tabuleiro e peças de madeira
 10 x 50,5 x 50,5cm
 1999/2002





Côncavo

AMORTECENDO CAVO ACONCHEGO

Poema escavado s/paredes posteriormente pintadas de branco

Site specific

4 paredes (2 paredes - 266cm x 422,5cm x 0,01cm; Outras 2 - 266cm x 257cm x 0,01cm)

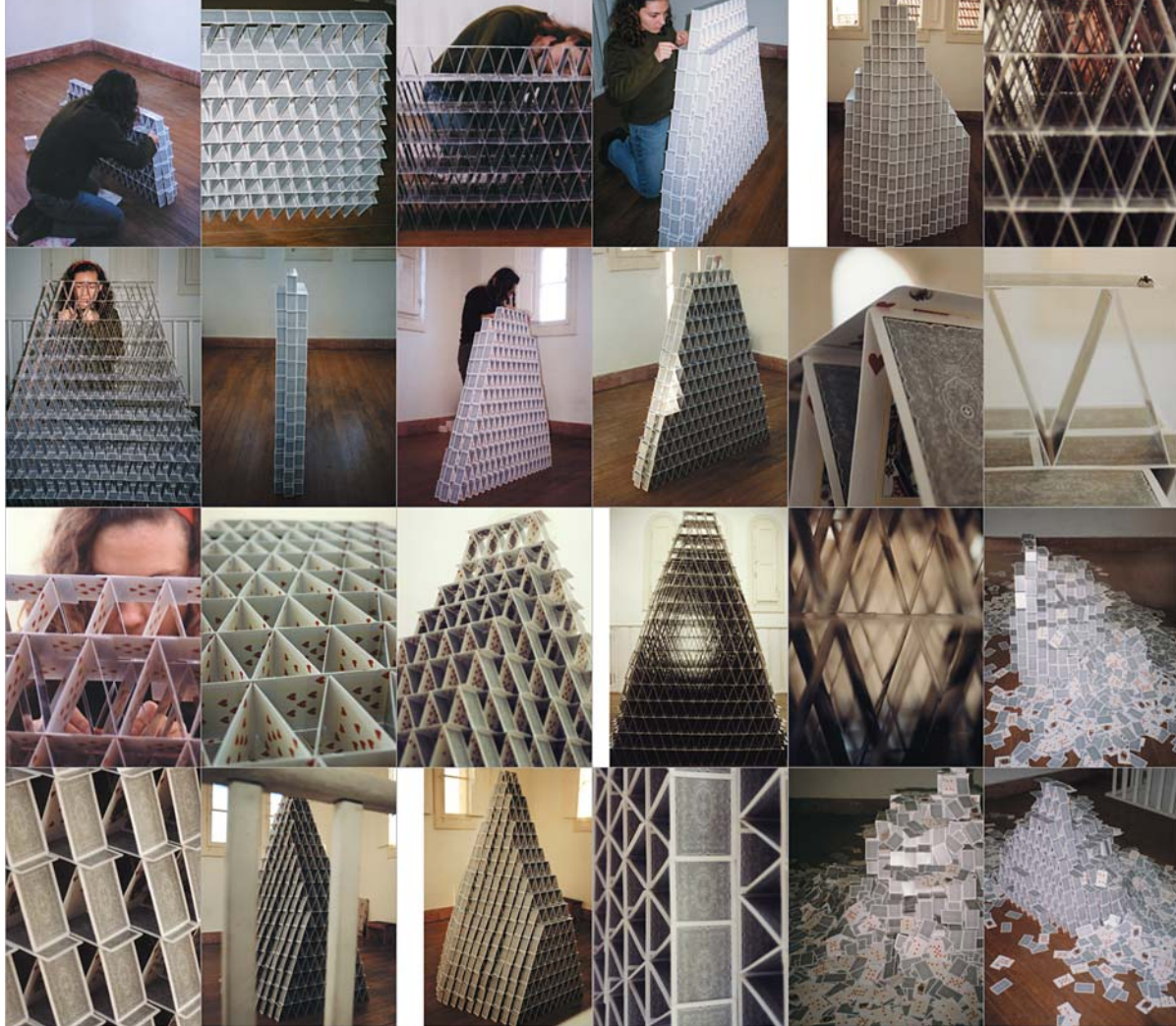
Etapa do processo de escavação

1999/2002

Próximas páginas: detalhes



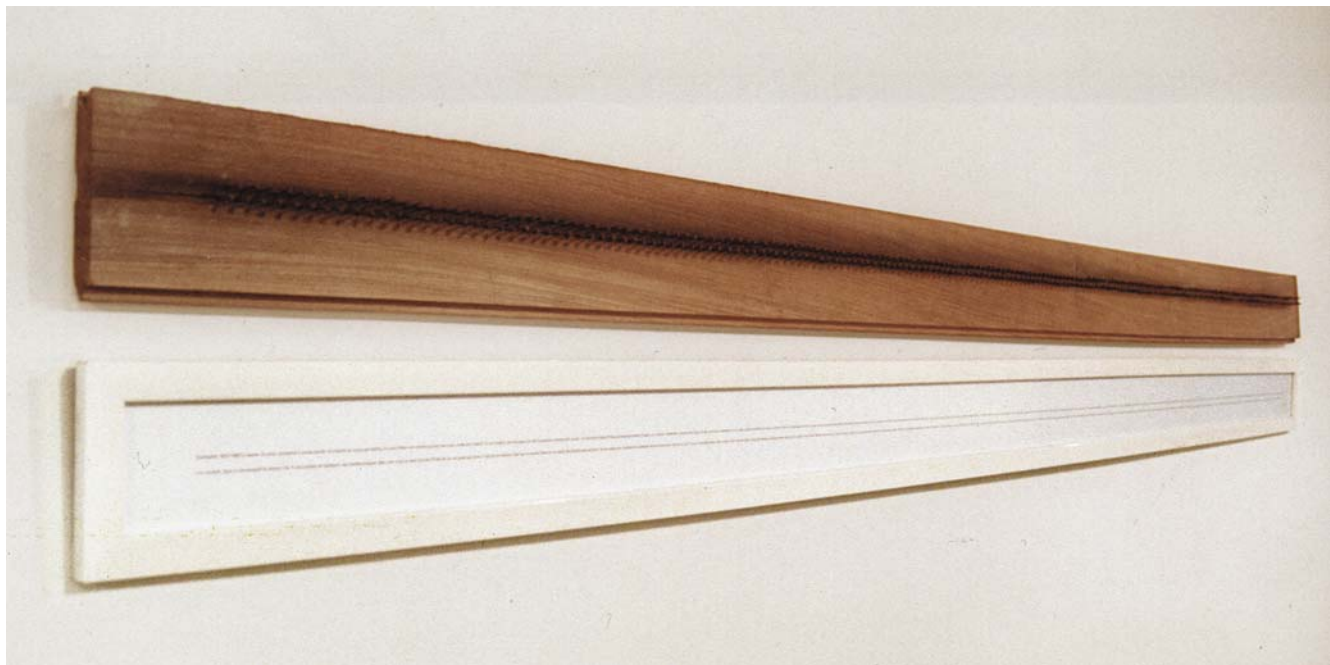




Concreto é uma ação que envolve a construção de um castelo de cartas. Trata da persistência em manter íntegra a estrutura do castelo. Este trabalho existe na construção contínua. Concreto é o resultado da perseverança em manter a torre de cartas em sua posição vertical a despeito de sua estrutura volátil, reconstruindo-a quando esta desmorona.

Concreto

Construção do castelo de cartas
Dimensões variáveis
2000/2002



Linhas de Pensamento

Pregos s/madeira, texto impresso s/papel
32 x 193 x 3cm
2000

Próximas páginas: detalhes



Desmedida, 2001/1998 no depois. Eu então começando a pensar grande, do pequeno ao quase sem limites. Um sem limites é um caminho sozinho que brilha e brilha sem negá-lo. Eu vou fazendo, sem ter pressa. Eu olho as pessoas correndo pelo mundo, e eu não tenho pressa. Por
o foi condutor. Qual é o fio principal? Eu inquiri o fio. É uma questão de habilidade, fazer/benzer/chofar. Mas o que é que eu estou fazendo? É fácil de ver, ele passa por dentro, e ele que dá estrutura. Tanto que eu sinto. Ainda não dá tanto medo de fazer. Tem que pre



Linhas de pensamento

Desmedida, 30/07/1998 ou depois. Eu estou começando a pensar grande, do pequeno ao quase sem limites. Um sem limites é um caminho sinuoso que burla o limite sem negá-lo. Eu vou fazendo, sem ter pressa. Eu olho as pessoas correndo pelo mundo, e eu não tenho pressa! Preciso de tempo para refletir. É assim, vai...tecendo, anoteando, acontecendo. É para ter dez metros de comprimento por um metro e oitenta centímetros de largura, é para ser feita com barbante mais ou menos grosso, é para amantes de gestos largos. Então, martelo em punho, ponto zero, talvez um início, um centímetro, mais outro e outro. Isto é difícil, é difícil manter o foco. Como cercar a intenção e mostrar aquilo que quero, do jeito que vislumbro? Mais um. Para cada centímetro dois, cento e oitenta centímetros, trezentos e sessenta gestos rápidos, mais. Muito mais é preciso para ficar firme, para entrar fundo, senão escapa. E se escapar? Fazer outra vez. Duas linhas, quase retas, trezentos e sessenta pontos, inserções. É para ficar preso na parede, é para trabalhar durante seis horas por dia, todos os dias, durante dois anos, aí dá para fazer dez metros por um e oitenta. E se pesar? Pode cair. A parede agüenta? Eu agüento? O que sobrar é o que vai ser. Os primeiros nós de teste. Fica bonito assim. Só de pensar no tempo, no trabalho me desespero, canso só de olhar. Continuo, não posso parar. É tão fácil parar. Agora um gesto sem força, sem brutalidade, apenas repetição, a cabeça não pára. É assim, ó. Primeiro prende bem, passa por aqui, por cima, faz a volta, vai para lá, fica no final. Começa outra vez. É preciso pegar o fio condutor. Qual é o fio principal? Eu troquei o fio. É uma questão de habilidade, fazer/desfazer/refazer. Mas o que é que eu estou fazendo? É fácil de ver, ele passa por dentro, é ele que dá estrutura. Será que eu acertei? Deixa eu ver. Assim não dá tanto medo de fazer. Tem que puxar bem. Quantos fios precisaria? Dá para fazer inteiro, de uma vez só? E se eu me enredar? Nessa rede o corpo existe e tem seu lugar, pontos de interesse, pontos de contato. Agora eu nem perco o fio da meada. Minhas mãos queimam no atrito. O fio corre, escorre suor. Eu gosto de um nó fechado. Está mais tenso. É igual. É diferente. Os dois lados estão bonitos. É manual, dos sentidos, é o tátil, pensamento que escoia. Enrola-se sobre si mesmo. É espiral. Ao passar meu dedo sobre o ferro sinto um som. É como aqueles instrumentos musicais antigos, não sei o nome. Descobri que sou muito ligada à sonoridade das palavras. Para ter ar. Para ser movimento freqüente e irreversível. Quantos verões? Quantos lerão? Para exceder. Para estar no mundo e prolongar o tempo. Um trabalho que é mais gesto do que resultado. Para sossegar e dormir com folga. E quando o cansaço forma, o interesse se desmancha, pensar no poeta. Aquele do fazer. Quão inútil é fazer, da mesma forma que não fazer. Como ele, fazer: (...) *fazer o inútil sabendo que ele é inútil, e bem sabendo que é inútil e que seu sentido não será sequer pressentido, fazer: por que ele é mais difícil do que não fazer, dificilmente se poderá dizer com mais desdém, ou então dizer mais direto ao leitor ninguém, que o feito o foi para ninguém.* Só então parar, ficar sem fim.



Chave de areia
Chave impressa sobre bloco de areia
10 x 160 x 160cm
2001

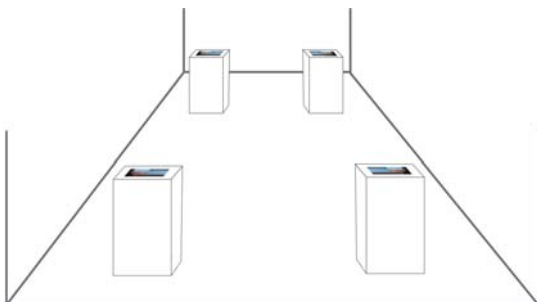


Através...

Projeção em looping de 80 Slides s/parede
(Sequência parcial com 18 slides)

Dimensões variáveis

2001



Em *Perímetro* eu realizo uma caminhada nas bordas de canteiros de flores, nos meio-fios da rua, pequenas muretas que ajustam os limites entre o exterior e o interior destes espaços. Eu meço estas linhas com meus passos, começo a andar de um ponto e só termino esta caminhada quando atinjo o ponto de partida. Quando perco o equilíbrio e caio, recomoço a ação desde o começo.

Perímetro

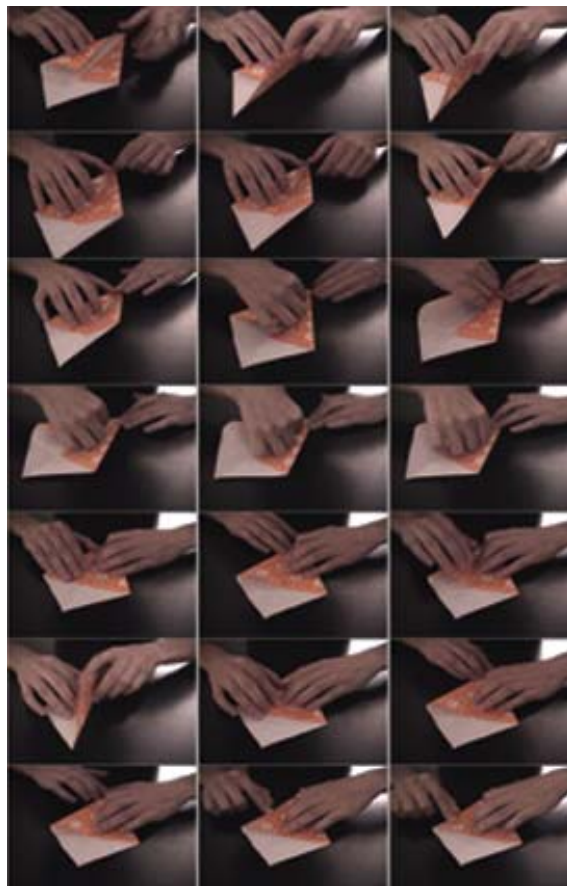
Video-instalação

Quatro caixas de madeira com televisores

Vídeos em looping

Dimensões variáveis

2003



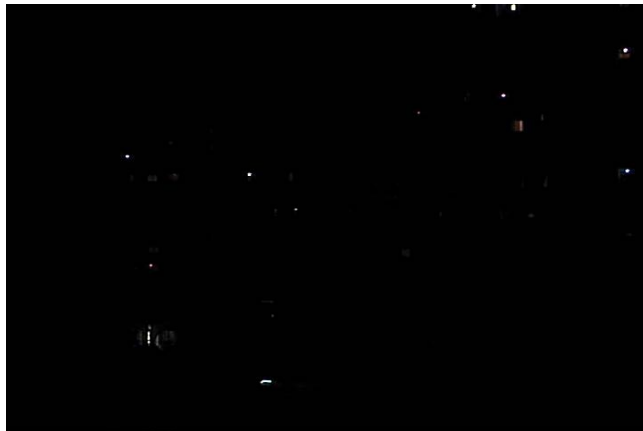
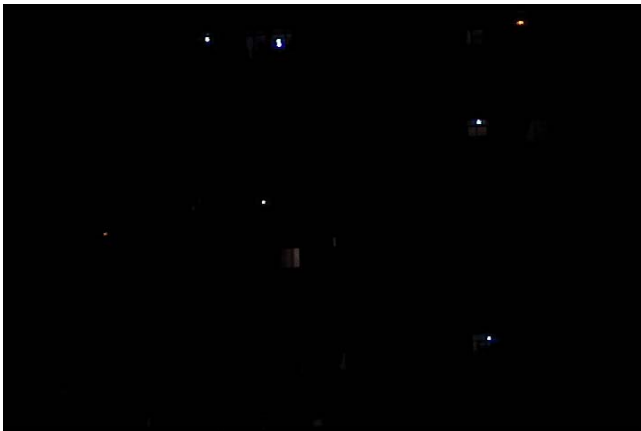
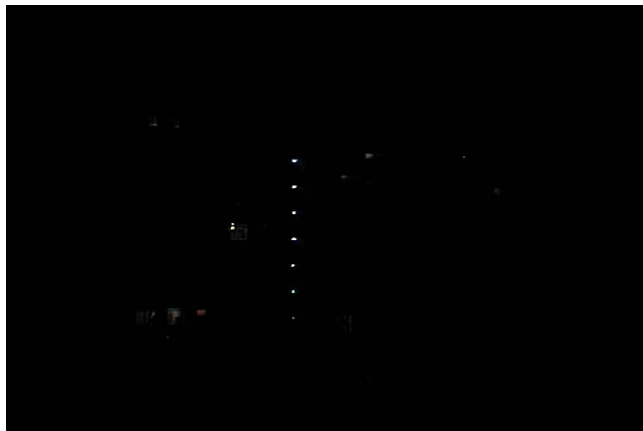
No vídeo Play by heart, procuro dobrar um origami apenas fazendo uso de minha memória, sem qualquer manual de referência em minha frente. Play by heart é um vídeo sobre estar absolutamente imerso no ato artístico. Aqui, a persistência configura o trabalho, uma ação que nos fala sobre tentar e falhar, e tentar outra vez até atingir seu termo.

Play by heart
Vídeo
16:30 min.
2003 / 2004



Vizinhança é uma vídeo-foto-instalação que tem como ponto de partida a cidade. É estar no mundo, dentro de edifícios, assistindo à televisão no meio da noite, é uma fala sobre a solidão e a coletividade.

Vizinhança
 Vídeo-foto-instalação
 Vídeo em looping
 10 fotografias (17 x 25cm cada)
 2004



Vizinhança

Montagem na horizontal, totalizando 17 x 250cm (aproximadamente).

Detalhe de 4 fotografias.

Abertura
Projeção de slide sobre parede
245 x 168 (aproximadamente)
2003 / 2005



Mil e uma noites apresenta três populares personagens de desenho animado: Donald Duck, Mickey Mouse e Minnie, dançando ao ritmo de uma música islâmica. Este vídeo foi registrado no *Jardin des Tuileries*, e mostra um ambulante vendendo estes pequenos bonecos da Disney. O vídeo procura comentar as diferenças e aproximações culturais em um mundo globalizado, em que é preciso achar formas de adaptação ou resistência, a este mundo, como forma de sobrevivência.



Mil e uma noites

Vídeo
Looping
2003



Paisagem em fuga: suspensão apresenta o registro da movimentação de pássaros e aviões sobre um céu, por vezes azul e outras vezes cinza. As fotografias dos pássaros revelam o momento em que tento capturar sua passagem rápida pela frente da lente, registrando imagens difusas deste instante ou mesmo, o espaço vazio deixado pela não captura desse voo. O vídeo com os aviões riscando um céu límpido, marca um tempo desacelerado, mostra os rastros como linhas que vão desenhando um espaço aberto e dissipando-se lentamente. São imagens que falam da suspensão como uma pausa momentânea, como um estado de elevação e contemplação.



Paisagem em fuga: suspensão

Vídeo e foto instalação

7 fotografias

70cm x 50cm (cada fotografia)

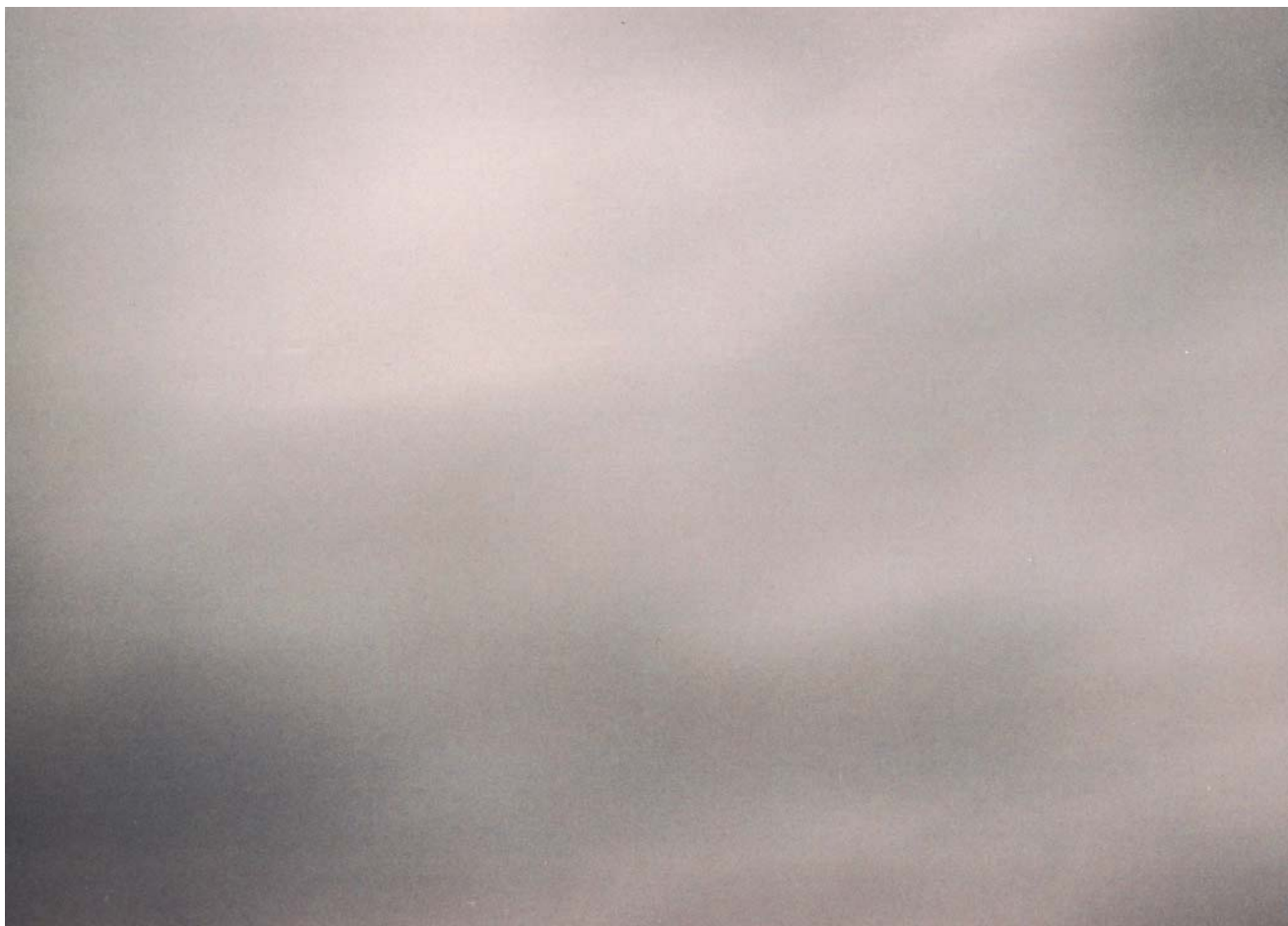
Dimensões variáveis

2003















Paisagem em fuga: transição
2 fotografias montadas lado a lado.
100cm x 70cm (cada fotografia)
2003

Paisagem em fuga: instante é uma reflexão a propósito do tempo e da velocidade das imagens a partir da paisagem. Neste vídeo, ela se apresenta como uma imagem abstrata; são velozes registos através da janela de um trem em que a paisagem quase desaparece e perde seus contornos. Em determinada fração do vídeo, entretanto, é possível que se identifique, em um piscar de olhos, uma única e nítida imagem da paisagem, fugidia e acelerada.

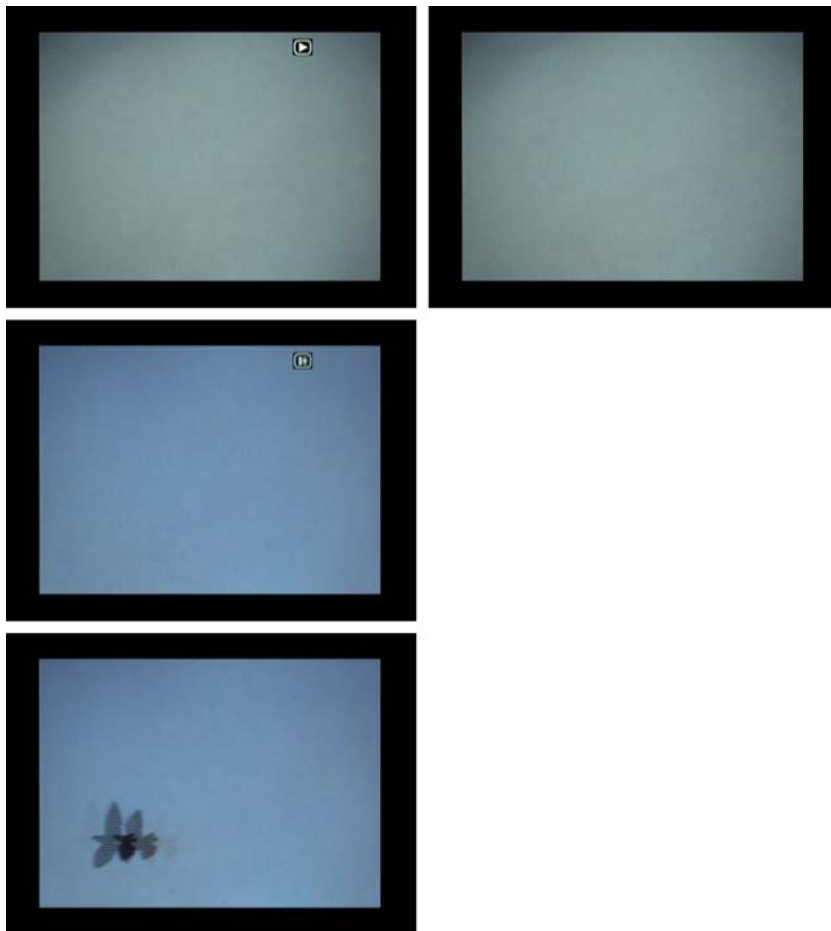


Paisagem em fuga: instante
Vídeo-projeção
looping
2003 / 2004



No vídeo Paisagem em fuga: fuga, os pequenos e rápidos insetos, com seu dinamismo, opõem-se à imagem de uma paisagem pausada. O movimento destes insetos avizinha-se à forma de fuga da música barroca. A noção de fuga, mais especificamente na música de Bach, segundo Bruno Kiefer, aproxima-se de uma concepção matemática do mundo, envolvendo as noções de permanência e ao mesmo tempo dinamismo. Na fuga podemos observar um movimento interno que é repetido e retomado por cada elemento - ou voz - de forma derivada do tema principal. A fuga também pode ser entendida como uma escapatória, ou como algo que resiste a ser capturado, que se evade por entre os dedos. Como aquilo que sobra de algo, o seu rastro, sua margem.

Paisagem em fuga: fuga
Vídeo-projeção
looping
2003 / 2004



Paisagem em fuga: apreensão

Vídeo a ser apresentado
em um aparelho de TV.
looping
2003 / 2004

No vídeo Paisagem em fuga: apreensão, a câmera tenta capturar a imagem de pássaros que passam rapidamente por seu campo. Uma forma de fixar a paisagem com um olhar de caçador, procurando reter por alguns momentos, as imagens que escapam velozes pela superfície da tela.



Em *Paisagem em fuga: Paraíso* um livro apropriado reúne imagens de um lugar em que reina a felicidade. Um jardim de harmonia perfeita onde os animais, ali representados, convivem em uma utópica atmosfera. A partir do imaginário infantil, evocado pela natureza do livro, procuro refletir sobre a busca infinita de um lugar idílico, produto da fantasia e do desejo ingênuo de encontrar a pureza primordial. Símbolo idealizado de uma sociedade perfeita.

Próxima página: detalhes

Paisagem em fuga: Paraíso

Apropriação de livro infantil.

Instalado sobre parede

17 x 19 x 16,5 (aberto)

2005



Réservé / Reservado trata-se de uma intervenção em espaços públicos, mais especificamente parques e praças. Foi realizado, pela primeira vez, em Porto Alegre no ano de 2002 e em Paris no ano de 2003. Este trabalho consiste na inserção de placas de acrílico transparente com a inscrição (reservado ou réservé) sobre bancos de praça. Durante estas inserções, procedi o registro destas ações em vídeo e foto, produzindo um texto reflexivo sobre aquilo que não aparece contido nas imagens registradas. Um texto ao mesmo tempo poético e crítico sobre o ato criativo e suas implicações..

Talvez sentido Porte
d'Orleans, então descer em Odéon.
Tem um metrô mais perto...

15:17

Caminho da Cité
Internationale des Arts até o jardim
de Luxembourg...

O Boulevard Saint-Germain é o Boulevard das lojas de quadrinhos, jogos de cartas, RPG, com pequenos bonecos de todas as histórias que já li e de outras que não conheço. Perco-me pela rua, vagando pelas revistarias, entre uma história e outra. Gasto um pouco de meu tempo neste passeio, prolongo minha caminhada.

16:27

O jardim está cheio, com poucos lugares para sentar. Cadeiras à sombra, o sol está forte, pessoas lendo, dormindo, tomando sorvete. Preciso achar primeiro um bom ponto de observação, que me coloque em um lugar privilegiado em relação ao banco, placa e todas as outras coisas. Creio que se trate também de construir um ponto de vista, demarcar um ângulo através da captura das imagens. Mas, ao mesmo tempo, manter a mente, os sentidos abertos a tudo que é periférico. Talvez seja esse o lugar da escrita. Este ponto cego, um pouco atrás de nossa cabeça.



O banco está bem localizado, à beira de um passeio. Meu ponto de observação também é bom, fica um pouco para lá, uns seis metros em diagonal. Vou registrar a placa pela sua parte traseira, uma visão não direta.

Carrinhos de bebê, restos de pombos sobre o banco... o fluxo é intenso, é preciso esperar o momento certo. Um senhor está parado na minha frente, é preciso esperar.

Sorvete em dia de verão...

Bola amarelo-manga, bola uva, casquinha.
Casal de blusa azul-marinho, cabelos gri-

Réservé / Reservado

Ação em espaço urbano
Registro de ação apresentada
como 10 fotografias e textos
25 x 38cm (cada)
2002 / 2004

salhos. Copas de árvores, verde vivo, pessoa falando longe... banco reservado para casais e seu pequenos prazeres.

Concentração.

A placa está fora de meu alcance. As crianças são gentis, com um olhar curioso, sorriso franco, passos vívidos.

17:30

Após alimentar as pombas conquistei a simpatia da senhora que repousa à minha frente. Ela já me dirigiu diversos olhares e sorrisos simpáticos de aprovação. Na saída despedi-me e ela retribuiu gentilmente... pombas ao sol têm barriga quente.

Preciso achar outro ponto de observação.

19:02

Caminho para casa.

Poucos pensamentos precisos acompanham-me. Quase uma errância em idéias...

Nada me ocorre no momento, apenas caminho por entre as pessoas, passos rápidos pela rua cheia. Ônibus, lojas com promoções de sapatos.

Caminhar pela cidade é perder-se um pouco em meio à multidão, é ser mais um outro. A cidade tem sua trama já estabelecida, suas vias, saídas e chegadas, tem seu fluxo e direções. Seu MODE D'EMPLOI... porém, são os usuários que refazem e desfazem esses caminhos...

23/07/2003

Quarta-feira

15:00

Tudo pronto; caminho para o Jardim de Luxembourg...

A placa já foi retirada.

Palácio das rainhas.

16:05

Cadeiras com boa localização, vista direto para o banco em frente. É preciso apenas ajustar



a câmera.

Começo a preparar a placa para a sua fixação... o banco está sujo.

Colo a placa.

Barulho, músicas de celular, brigas, risos e preguiça. Dois meninos pequenos jogam futebol.

Portões de ferro preto cercando o parque, detalhes dourados nas lanças.

17:13

17:27

Malabarismos, piruetas, pássaros batendo asas nas copas das árvores, barulho de asas contra as folhas. Troca de roupa no gramado, terno, sapato, camisa, meias brancas... Bermudas, camisetas, tênis...

Dia de poucas palavras...

Mochila cinza, maleta preta, disco vermelho arremessado longe... Escapou... Equilíbrio e sincronia nos passes.

17:40

Um policial inquieto com a placa

desacelera seu passo mas continua sua marcha... Ele parece estar interessado no que estou fazendo. Deu a volta pelo canteiro.

...continua lá... está me olhando à distância fixamente... vou levantar lentamente e ir embora.

Tenho pensado sobre o registro destas ações.

Inquieta-me perceber que o caminho que as imagens estão tomando diverge daquele que inicialmente planejei.

Procuro assinalar, ou melhor, dar um outro significado àquele espaço configurado pelo banco.

A resposta que venho recebendo indica algo de cômico nestas ações. Lembra aqueles programas de TV em que pessoas caem em pequenas armadilhas registradas por câmeras.

É preciso pensar em como modificar esta associação e direcionar o foco do olhar para uma outra reflexão... que fale de uma interdição e da tentativa de subverter um sistema que é dado a priori. Um sistema que espelha a trama da cidade.

27/07/2003 Domingo.

14:38

Calçada de asfalto, árvores cercadas com ferro sobre as raízes.

Dia de sol e chuva, cheiro de terra e grama molhada

Sensação de leveza. É como ter o espírito solto dentro do próprio corpo, espaço interno que, pouco a pouco, preenche-se de alegria.

Inscrição no chão:

"...perde sa vie

à la gagner..."

Caminho de pássaros...

Quando um cachorro abana o rabo é sinal de felicidade.



de.

Aprender é roçar os limites e o desconhecido, ponto cego atrás da nuca.

Vão rasante...

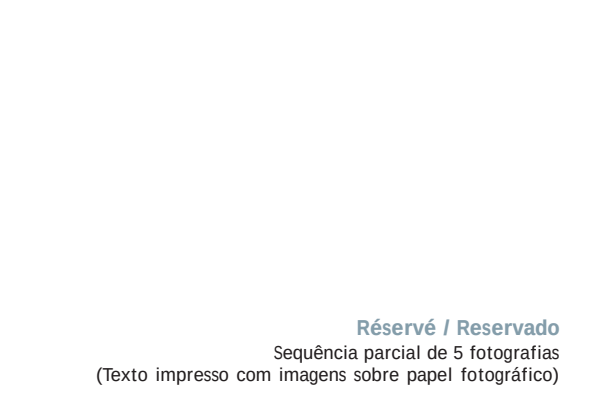
Peso de pluma paira, duração relativa à sua atração gravitacional. Um tempo que é a resistência do ar, densidade e sopro.

Por vezes é preciso aguçar os sentidos e buscar o que existe de mais tátil no mundo,

como uma pulsação... Por alguns momentos aderir às coisas, pés sobre a terra.

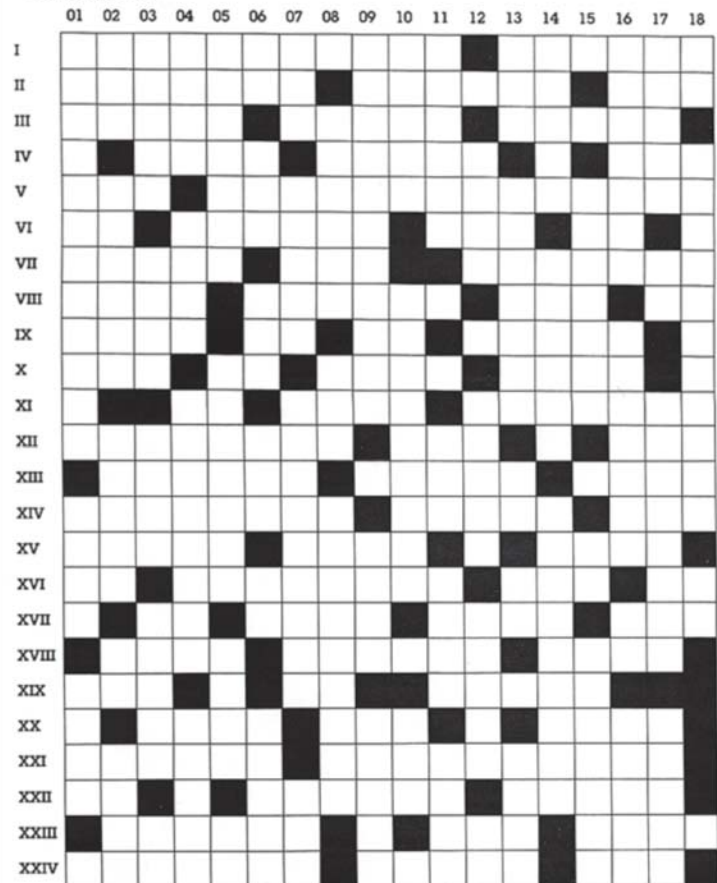
Respiração a plenos pulmões.

Céu cinzento é prenúncio de chuva.



Réservé / Reservado
Sequência parcial de 5 fotografias
(Texto impresso com imagens sobre papel fotográfico)

Exercice cérébral



Exercice cérébral

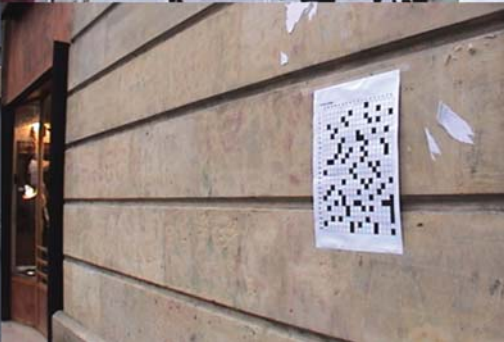
Inserção de cartazes nas ruas do Marais em Paris.

Cartaz produzido a partir de um jogo de palavras cruzadas, em xerox preto e branco.

42 x 29,7cm

2003

Próxima página: registro das inserções





Associação formal

Díptico
Fotografias
28 x 41cm
2003 / 2005

Em **Dança!** procuro pensar sobre formas de resistência sutis à lógica de produtividade e competitividade à qual estamos submetidos em nossa sociedade. Esta idéia é evidenciada pela frase que inicia o vídeo: “quando dizem: cala e trabalha ... Dança!”. A dança neste vídeo surge como uma metáfora de libertação, ao confrontar com alegria e força, através do ritmo e da música, o silêncio alienante ao qual muitas vezes nos encontramos reduzidos. As músicas escolhidas são executadas pela cantora peruana Lucha Reyes e pela cantora mexicana Lucha Reyes, são canções que, de maneira suave, evocam pequenas revoluções, reação de júbilo a um sistema opressor, a um status quo que a poucos privilegiaria



Dança!

Vídeo projeção
Dimensões variáveis
6'08"
2005

Inclusões: o espaço público como espaço de experimentações.

A céu aberto

“Pelos campos, pelos desertos / Pelos bosques, pelos jardins ou pelas ruas,

Há muito tempo existem obras de arte / Instaladas a céu aberto.

Elas existem em seu lugar / Em seu tempo; elas vivem fora.

Criações do homem, elas se medem / Na escala da paisagem,

Do cosmos ao mundo vivido. / Com modéstia ou coragem.

Elas vivem ainda através / De sua lembrança fotográfica;

Elas fazem imagem.”

Christophe Domino

Caminhadas, desvios, parques, praças, feiras, tumulto de pessoas andando rapidamente no centro de suas cidades, cheiros, sons, movimentação, poeira, sensações térmicas. O que seria estar imerso no mundo, na cidade, na rua? Cada um de nós vive circunscrito em determinados espaços, espaços que se organizam em ruas, bairros, cidades. Como artista plástica parto de minhas vivências na paisagem urbana e especialmente nos trajetos cotidianos, para elaborar meus trabalhos artísticos. Investigo como as configurações dos espaços direcionam nossos deslocamentos e de que forma usufruímos desses espaços de trânsito e vivência comum.

A partir de meu trabalho Réservé realizado durante minha residência na Cité des Arts em Paris, 2003, eu pesquiso as relações entre espaços exteriores e interiores, questionando a idéia de habitar um lugar, de possuí-lo, de vivê-lo. As relações dos indivíduos com seu habitat podem ser estudadas sob diversos ângulos, o antropológico, o social, o político e o filosófico, o que pretendo é pensa-las num contexto da arte, e questionar como o artista pode se inserir nas inúmeras interações com o espaço ao redor.

Tais indagações são também constantes em pesquisas de vários artistas, como o brasileiro Hélio Oiticica, ou, por exemplo, Francis Allÿs, Gabriel Orozco e Sophie Calle. Segundo o autor Christophe Domino em À ciel ouvert: l'art contemporain à l'échelle du paysage (A céu aberto: a arte contemporânea na escala da paisagem), a partir dos anos 60 muitos artistas voltam-se para os espaços exteriores, enfocando a paisagem e a cidade, ou seja, o espaço e o tempo do mundo real como uma nova dimensão a ser trabalhada:

“Agir no espaço social: se o espaço público e a paisagem coletiva são ainda um terreno de conquista para o artista, não é em um plano de produção de formas ou objetos, mas muito mais naquele da intervenção, gestos dispersados no presente. Trata-se em suma da tentativa de ampliar o campo da arte para tornar visível momentos ou figuras do elo social” (Paris, Scala, p. 104)

Encontrei nas artes visuais um meio com o qual posso me inserir de maneira ativa no mundo, procurando refletir sobre as formas com que interagimos e usufruímos deste espaço que ocupamos.

Com gestos sobre o terreno urbano proponho um olhar para o espaço, aquele que determina nossos deslocamentos e nossa identidade. Procuro, através de ações e deslocamentos sobre a cidade, retrair o espaço, modificar sua função. Experimentar diferentes sentidos para um mesmo lugar é o objetivo de minha pesquisa.

Quando um lugar se torna nosso? Seria possível apropriar-se de um lugar de comum convívio? O que separa estas duas definições de espaço? De acordo com o autor francês Michel de Certeau a trama urbana configura-se como um lugar. Para este autor o lugar é fixo e estável, diz respeito ao desenho das cidades, ao seu urbanismo e planejamento, feito

muitas vezes antes de considerar os trânsitos de seus futuros usuários. O espaço, segundo Certeau, é o cruzamento de móveis, não é fixo, mas variável. Neste sentido, existe “(...) espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo” (Certeau. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1994, p.202). Assim, o desenho de nossa malha urbana é praticada pelos usuários, que o convertem em espaços de trânsito. Cito, como exemplo, o trabalho *Réservé*: uma ação desenvolvida no espaço público, consistindo na inserção de placas com a inscrição *Réservé* em parques e praças. Este trabalho foi executado inicialmente em Porto Alegre, Brasil e teve sua continuidade em Paris, França. Interessa-me aqui refletir sobre as estratégias de ocupação de espaços públicos, lugares sem dono nem acentuação pessoal. Tomo como ponto de partida parques e praças, estes lugares estratégicos dentro dos centros urbanos funcionam como pontos de confluência de pessoas ocupadas com atividades de lazer, esporte, descanso, encontros, de manifestações das mais variadas conotações. Local de feiras, de confraternizações, encontra-se cercado pela cidade. Recebe uma diversidade de frequentadores, é também o espaço para aqueles que transitam sem paradeiro certo: os marginalizados, aqueles que encontram abrigo nos nichos, em meio às árvores, que dormem sobre os bancos ao sol, esquecidos por todos e em um quase auto-esquecimento. Com *Réservé* procuro convocar os transeuntes a refletir sobre os sentidos que a inscrição evoca e de que maneira ele usufrui de seu lugar de trânsito.

Eu estou desenvolvendo uma série de trabalhos que procuram apontar para a elaboração de um ponto de vista sobre o *environment*.

A questão que vem permeando estes trabalhos reflete a minha relação com a paisagem. Como a paisagem pode ser capturada e transformada em imagem de arte? Em que medida a contemplação ainda é possível em uma época de velocidade e saturação de informações? Procuo incitar os espectadores a reduzir a velocidade de sua movimentação ou seu olhar frente às minhas proposições artísticas.

O tempo dessas experiências tem a marca de uma desaceleração. Uma tentativa de burlar o fluxo vertiginoso e veloz, no qual nos encontramos inseridos no nosso dia-a-dia, ao respondermos às demandas que a sociedade nos coloca: as velocidades do trânsito, dos meios de comunicação, das pessoas que correm pelas ruas com destino certo, que mal percebem umas às outras, das propagandas de 30 segundos ou menos, dos filmes de ação e seus takes rápidos, com efeitos pirotécnicos e pouco conteúdo.

A série de trabalhos iniciados em Paris chama-se Paisagem em fuga, são vídeos, objetos apropriados, em que procuro abordar as questões acima citadas, demarcando, através dos subtítulos, estes possíveis pontos de desaceleração ou mesmo acentuando esta velocidade vertiginosa em que tudo pode estar por um piscar de olhos ou, ainda, apresentar uma imagem utópica, irreal, da vida no campo, deslocada dos centros urbanos.

São trabalhos que colocam em questão a nossa condição humana, na sociedade em que vivemos. Interrogam-nos sobre nossos valores e prioridades, sobre que posições adotamos no mundo.

Glaukis de Moraes

Glaucis de Moraes

Lajeado, Brasil, 1972

Rua Cesar Lombroso, 146 apt 06
Porto Alegre, RS, Brasil
CEP: 90420-130
glaucisdemoraes@hotmail.com

Formação Universitária

2000-02 Mestrado em Poéticas Visuais, Instituto de Artes, Pós-graduação em Artes Visuais, UFRGS, Porto Alegre.
1992-97 Bacharelado em Artes Plásticas Habilitação Desenho, Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre.

Outros cursos

2001 Workshop Itaú Cultural. Formação de artistas do programa Rumos Itaú Cultural Artes Visuais 2001/2002, São Paulo.
1999 Curso "Intervenção em espaços urbanos" com Iran do Espírito Santo, XIII Festival de Arte de Porto Alegre, Porto Alegre.
1997-00 Desenvolvimento de trabalhos artísticos sob orientação de Jailton Moreira, Torreão, Porto Alegre.
1990 Curso de desenho com Carmen Moralles, Atelier Livre, Porto Alegre.

Bolsas de pesquisa

2000-02 CAPES/UFRGS - Bolsa de estudo. Pós-graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes da UFRGS, Porto Alegre.
1999-00 CNPq/UFRGS - Bolsa de Apoio Técnico. Territorialidades na Arte Contemporânea: Cartografia de Subjetividades. Pós-graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes da UFRGS, Porto Alegre.
1996-97 CNPq/UFRGS - Bolsa de Iniciação Científica. Preservação e Análise do Acervo Artístico da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo. Departamento de Artes Visuais, Instituto de Artes da UFRGS, Porto Alegre.

Atividades profissionais

2004 Professora colaboradora de gravura na UDESC, Florianópolis.
1996-04 Desenvolve trabalhos de programação visual e arte-finalização.

Textos publicados

2003 Dia um, dia dois, intersecções. Texto publicado no site Perdidos no Espaço / Fórum Social Mundial / Intervenções no Campus Central da UFRGS.
http://www5.ufrgs.br/escultura/fsm/jornal/gm_reservado.htm.
2001 Fils de pensée. Texto publicado na revista Notes, nº 6, Paris e Lyon, França.
1999 Eu gosto de caminhar. Texto publicado em encarte produzido para intervenção intitulada Esferas Terrestres, de Nick Rands. Torreão, Porto Alegre. Co-autoria: Mariana Silva da Silva; Nas pontas dos dedos, ao alcance dos olhos. Texto publicado em impresso para exposição intitulada Eye Levels, de Nick Rands. Galeria Iberê Camargo, Usina do Gasômetro, Porto Alegre. Co-autoria: Mariana Silva da Silva.

Exposições e projetos individuais

2005 "Paisagem em fuga: fuga", Espaço de Montagem, Instituto de Artes da UFRGS, Porto Alegre, Brasil.
2003 "Réservé", Bolsa Iberê Camargo para projeto de intervenção urbana e livro de artista, Paris, França; "Exercice cérébral", projeto de intervenção urbana, Paris, França.
2002 "Situações amorosas: uma poética de entrelaçamentos em artes visuais", Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Instituto de Artes - UFRGS,

Porto Alegre, Brasil.

2000 "Concreto", Torreão, Porto Alegre, Brasil.
1994 "Desenhos e Pinturas", Galeria João Fahrion, MARGS, Porto Alegre, Brasil.
1993 "Coupez", Saguão do Centro Municipal de Cultura, SMC, Porto Alegre, Brasil.

Exposições coletivas

2006 7º Festival Estival. San Martin de Los Andes, Neuquén, Argentina.
2005 "En décalage", Oulu-huc art projects / Studios Campus, Paris, França; "Efeitos de Borda", Intervenções no V Fórum Social Mundial, Porto Alegre, Brasil.
2004 "Geometria habitada", "espaço de arte contemporânea 803e804", Florianópolis, Brasil; "Ação documento obra", SCAR, Jaraguá do Sul, Brasil.
2003 "Entre dois pontos", FEEVALE, Novo Hamburgo, Brasil; "Um território da fotografia", Galeria dos Arcos, Usina do Gasômetro, Porto Alegre, Brasil; "Perdidos no Espaço: Intervenções no Campus Central da UFRGS / III Fórum Social Mundial", Porto Alegre, Brasil.
2002 "Rumos da nova arte contemporânea brasileira", Programa Itaú Cultural Artes Visuais edição 2001/2003. Fundação Clóvis Salgado Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil; "Vertentes da Produção Contemporânea", Programa Itaú Cultural Artes Visuais edição 2001/2003. Itaú Cultural, São Paulo, Brasil; "Grafias do lugar", Programa Itaú Cultural Artes Visuais edição 2001/2003. Itaú Cultural Belo Horizonte, Brasil; "Poéticas da Atitude: O Transitório e o Precário" Programa Itaú Cultural Artes Visuais edição 2001/2003. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil.
2001 "Casa", intervenção realizada em uma casa desabitada, Porto Alegre; "Lugares assinalados", Centro 1, Unisinos, São Leopoldo, Brasil.
2000 "In corpore", Obra Aberta, Porto Alegre; "Bahzart contemporâneo", Obra Aberta, Porto Alegre, Brasil.
1997 "25 X 25", 2º Porto Alegre em Buenos Aires, Centro Cultural Recoleta, Buenos Aires, Argentina.
1996 "25 X 25", Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, Brasil.
1994 "Perspectiva Contemporânea", Galeria Vasco Prado, Casa de Cultura Mário Quintana, Porto Alegre, Brasil.

Salões, prêmios e outros

2005 "15º Festival Internacional de Arte Eletrônica VideoBrasil", Associação Cultural VideoBrasil, SESC Pompéia, São Paulo, Brasil; "61º Salão Paranaense, Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, Brasil.
2003 Bolsa Luiz Aranha, Fundação Iberê Camargo, 3ª edição. Cité Internationale des Arts, Paris, França. Atelier residência: período de vigência da bolsa: 3 meses.
2001 Selecionada pelo Programa Rumos Itaú Cultural Artes Visuais edição 2001/2002.
1997 "1º Salão de Intercâmbio de Arte Postal", University Theatre Gallery, Ball State University, Muncie, Indiana, USA; "1º Salão de Intercâmbio de Arte Postal", Espaço Ado Malagoli, Instituto de Artes - UFRGS, Porto Alegre, Brasil.